

# Architecture: the Condition of Silence

Cláudia Moreira Araújo<sup>1</sup>, Helder Casal Ribeiro<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

<sup>2</sup> Assistant Professor FAUP; Researcher CEAU – FAUP Group ‘Atlas da Casa – Identidade e Transferência’

(2) “Não conseguimos imaginar um mundo em que não há nada mais do que linguagem e discurso, mas conseguimos imaginar um mundo onde não há nada mais do que silêncio.”<sup>1</sup>

(3) Num mundo cada vez mais acelerado, tornámo-nos familiarizados com o ruído perturbador e estranhos ao som do silêncio. O silêncio como uma suspensão no tempo, que abre espaço e nos guia à contemplação. (4) O silêncio como algo íntimo, que dá oportunidade para que o eu seja ouvido. O silêncio como uma qualidade intrínseca à arquitectura, como uma narrativa ou expressão espacial.

Esta dissertação pretende, de forma transdisciplinar, estudar a Condição do Silêncio. No campo da arquitetura, iremos focar-nos numa obra de Peter Zumthor, a capela de Bruder Klaus, procurando perceber como é que uma solução espacial pode gerar silêncio interior e criar uma experiência arquitetónica memorável. Assim, pretende-se analisar em que medida é que a condição do silêncio na arquitetura pode ser catalisadora de uma experiência que contribui para uma consciencialização do Ser.

(5) “É verdade que o silêncio, como um mundo próprio, foi destruído; o som ocupou tudo; a terra parece pertencer-lhe. Não há unidade mundial do espírito ou da religião ou da política. Mas há uma unidade mundial de ruído. Nele todos os homens e todas as coisas estão ligados uns aos outros.”<sup>2</sup>

O tema do silêncio tem sido explorado por diversos autores ao longo do tempo, entre eles Max Picard. No livro *The World of Silence*, publicado originalmente em 1948, Picard descreve o silêncio como fenómeno autónomo e independente, que pertence à estrutura básica do homem<sup>3</sup>. Carlos Marti Arís, por sua vez, descreve o silêncio como “uma fonte escondida da

---

<sup>1</sup> Picard, Max; *The World of Silence*; Washington, Gateway Editions, 1988, p. 1

<sup>2</sup> Picard, Max; *The World of Silence*; Washington, Gateway Editions, 1988, p. 214

<sup>3</sup> Picard, Max; *The World of Silence*; Washington, Gateway Editions, 1988, p. xix

qual as águas do sentido podem fluir, limpamente.”<sup>4</sup> Já no livro *The Place of Silence*, Gernot Böhme, parafraseando Junichiro Tanizaki, fala-nos do silêncio “não no sentido de um lugar tranquilo, mas no sentido da oportunidade de estar aberto sem preocupações com o mundo.”<sup>5</sup>

(6) Picard afirmava que “nada mudou a natureza do Homem tanto quanto a perda do silêncio”<sup>6</sup>. As mesmas palavras são válidas quando refletimos acerca da sociedade consumista de hoje. De facto, “o pensamento opressivo de que estamos a perder o silêncio das nossas almas está a tornar-se cada vez mais evidente. Hoje em dia, tendemos mesmo a escapar ao silêncio e a procurar privacidade e intimidade em ruído excessivo,”<sup>7</sup> diz-nos Juhani Pallasmaa.

(7) Neste contexto, o silêncio resurge como meio de oposição ao ruído e abre um espaço de respiro. Hoje, mais do que nunca, a arte e a arquitetura têm a oportunidade de criar momentos facilitadores da reconexão com o nosso próprio ser. “Acredito numa arquitetura que desacelera e foca a experiência humana, em vez de acelerá-la ou difundi-la. (...) sendo fundamentalmente a forma de arte da emancipação, a arquitetura faz-nos entender e lembrar quem somos,”<sup>8</sup> refere Pallasmaa.

Desde a pintura à escultura, do cinema à arquitetura, o homem tem encontrado nas artes um portal de reconciliação e ligação com o ser. Este processo surge, portanto, como um desencadeador de reações muitissensoriais e desperta a sensibilidade daquele que vivencia a obra. Aqui, o silêncio surge como meio para o despertar.

(8) Carlos Marti Arís afirma: “se há algo que caracteriza a arte mais nuclear do século XX, é a necessidade de refletir sobre si mesmo e de basear a elaboração do objeto em ideias gerais e inteligíveis.”<sup>9</sup> Pallasmaa vai ao encontro desta ideia, e escreve: “Mais do que nunca, a tarefa

---

<sup>4</sup> Aris, Carlos Marti; *Silencios Elocuentes*; Barcelona, UPC, 2002; p. 5

<sup>5</sup> Böhme, Gernot; *The Place of Silence, Quiet places – silent space: Towards a phenomenology of silence*; London, Bloomsbury Publishing; p. 369

<sup>6</sup> Picard, Max; *The World of Silence*; Washington, Gateway Editions, 1988; p. 221

<sup>7</sup> Pallasmaa, Juhani; *Transcending Architecture: Contemporary Views on Sacred Space*; Washington, The Catholic University of America Press, 2015; p. 28

<sup>8</sup> Pallasmaa, Juhani; *Essencias*; Barcelona, Gustavo Gili, 2018; p. 31

<sup>9</sup> Aris, Carlos Marti; *Silencios Elocuentes*; Barcelona, UPC, 2002; p. 10

ética e humana da arquitetura e de toda a arte é defender a autenticidade e a autonomia da experiência humana, e revelar a existência do reino transcendental, o domínio do sagrado.”<sup>10</sup>

(9) A obra de Mark Rothko (1903-1970) convida-nos a refletir sobre o tema. Malraux refere que as obras de Rothko, “embora não religiosas, eram o oposto de profano. Isto equivale a dizer que elas estão situadas no reino do sagrado.”<sup>11</sup> O seu silêncio sem instruções, tão incomum ao ser humano habituado a que lhe digam o que fazer e o que pensar, causa inquietação.<sup>12</sup> Segundo Pallasmaa, as pinturas de Rothko “sussurram ou acariciam os nossos ouvidos com conforto; parecem transmitir o silêncio original do mundo.”<sup>13</sup>

Através da cor, Rothko encontra um meio para despertar a consciência do observador. Porém, esta nunca representa um fim em si mesma. Neste sentido, o pintor escreve: “As pessoas que choram diante do meu quadro estão a ter a mesma experiência religiosa que eu tive quando os pintei. E se só se comovem pela sua cor, então falharam o ponto.”<sup>14</sup> Citando o autor: “There is more power in telling little than in telling all. Silence is so accurate.”<sup>15</sup>

(10) No campo da arquitetura, o silêncio surge de mãos dadas com o espaço sagrado. A criação deste pressupõe, à partida, a criação de um espaço calmo e meditativo, um espaço de silêncio. Silêncio que nos permite vivenciar o presente, que nos sensibiliza e facilita a contemplação. Na palavras de Pallasmaa: “A experiência auditiva mais essencial criada pela arquitetura é a tranquilidade. A arquitetura apresenta o drama da construção silenciada em matéria, espaço e luz. Em última análise, a arquitetura é a arte do silêncio petrificado.” Adiciona, ainda, que “uma poderosa experiência arquitectónica silencia todo o ruído externo; concentra a nossa atenção na nossa própria existência, e como em toda a arte, torna-nos conscientes da nossa solidão fundamental.”<sup>16</sup>

---

<sup>10</sup> Pallasmaa, Juhani; *Transcending Architecture: Contemporary Views on Sacred Space*; Washington, The Catholic University of America Press, 2015; p. 32

<sup>11</sup> Aris, Carlos Marti; *Silencios Elocuentes*; Barcelona, UPC, 2002; p. 44

<sup>12</sup> Rothko, Christopher; *Mark Rothko: From the Inside Out*; New Haven, Yale University Press, 2015; p.118

<sup>13</sup> Pallasmaa, Juhani; *Transcending Architecture: Contemporary Views on Sacred Space*; Washington, The Catholic University of America Press, 2015; p. 29

<sup>14</sup> Janssen, Lies (Produtor). Boonstra, Marjoleine (Diretor). *The Silence of Rothko*; EUA: arte, 2016

<sup>15</sup> Janssen, Lies (Produtor). Boonstra, Marjoleine (Diretor). *The Silence of Rothko*; EUA: arte, 2016

<sup>16</sup> Pallasmaa, Juhani; *The Eyes of the Skin*; Cornwall, TJ International,2005; p. 51

(11) A Bruder Klaus Kapelle, uma capela situada na zona oeste da Alemanha, em Mechernich, é uma obra que nos permite explorar as dimensões da fenomenologia na obra de Peter Zumthor. A sua prática artesanal e profunda sensibilidade poética, tanto nas questões respetivas ao homem, como na manipulação dos materiais, do som e da luz, tornam a obra de Zumthor de especial interesse no que diz respeito à condição do silêncio na arquitetura.

(12) A capela surge numa planície de campos e floresta, rodeada de natureza. O caminho de aproximação é feito em terra batida e deve ser percorrido a pé. (13) Pelo exterior apresenta-se como um monólito de betão e de face lisa. Em planta, tem uma forma pentagonal irregular. A construção da capela em vinte e quatro fases torna evidente as linhas de betonagem a cada cinquenta centímetros. Estas são um simbolismo das vinte e quatro horas do dia.<sup>17</sup> Mais uma vez, aproximamo-nos da dimensão humana na obra de Zumthor.

(14) O interior da capela, por contraste com o exterior, transporta-nos para um novo mundo, uma nova condição: da geometria para a organicidade, da claridade para a sombra, da planície para a verticalidade, acentuada pelo óculo - a única fonte de luz da capela. Assim, Zumthor provoca em nós uma sensação introspectiva e algo meditativa, que convida à contemplação.

(15) A abertura do óculo ao céu torna uma ligação com algo 'superior' clara. A luz ganha, assim, uma grande importância. Zumthor, numa reflexão acerca da luz natural e artificial, escreve: "tenho de admitir que a luz do dia, a luz sobre as coisas, é tão comovente para mim que a sinto quase como uma qualidade espiritual. (...) Eu não compreendo a luz. Dá-me a sensação de que há algo para além de mim, algo para além de toda a compreensão."<sup>18</sup>

A força desta relação visual entre ambos os mundos, marcada pela abertura ao céu, é sublinhada pelas palavras de Pallasmaa: "A extensão do interior de uma capela ascética moderna à paisagem faz-nos experienciar a nossa ligação com a natureza e o cosmos e sentir a espiritualidade panteísta da própria existência."<sup>19</sup>

(16) Um pequeno percurso reforça a ideia de espaço de permanência, ao invés de um espaço deambulatório. Este espaço, enquanto frio, consegue ser íntimo; enquanto alto, acolhedor. A

---

<sup>17</sup> Pallister, James; *Sacred spaces: Contemporary Religious Architecture*; New York, Phaidon Press, 2015; p. 126

<sup>18</sup> Zumthor, Peter; *Atmospheres*; Basel, Birkhauser, 2015; p. 61

<sup>19</sup> Pallasmaa, Juhani; *Transcending Architecture: Contemporary Views on Sacred Space*; Washington, The Catholic University of America Press, 2015; p. 20

sua dimensão deixa poucas dúvidas - é um espaço para uma pessoa só. Neste sentido, Zumthor consegue colocar o foco no homem e na sua experiência individual do presente.

(17) A transição entre opostos na experiência interior/exterior da obra cria um estado de tensão que nos coloca mais em alerta. Este clima de contrastes é, de facto, um tema recorrente na obra de Zumthor: "(...) tento sempre criar edifícios onde a forma interior, ou o interior vazio, não é o mesmo que a forma exterior. (...) mas onde se tem esta sensação do interior como uma massa escondida que não se reconhece."<sup>20</sup>

(18) Nas palavras de Zumthor, "arquitetura de qualidade é quando um edifício consegue mexer comigo."<sup>21</sup> Neste sentido, interessa explorar como é que a obra de Peter Zumthor e, em última instância, a arquitetura, mexe connosco. Para tal, é importante continuar a estudar e refletir sobre várias obras e tentar compreender de que forma é que a arquitetura pode ter um papel determinante numa 'reconquista do silêncio' no mundo e, ainda, como é que este pode ser um protagonista oculto da arquitetura.

---

<sup>20</sup> Zumthor, Peter; *Atmospheres*; Basel, Birkhauser, 2015; p. 51

<sup>21</sup> Zumthor, Peter; *Atmospheres*; Basel, Birkhauser, 2015; p. 11